



Taguatinga e Ceilândia, duas das oito cidades-satélites de Brasília, sem água e condições mínimas de higiene, crescem assustadoramente e poderão sufocar a Capital federal

Brasília muda ou será sufocada por cidades-satélites

Brasília — A Capital da Esperança — como a definiu o escritor francês André Malraux, estará transformada no ano 2000 num dos maiores aglomerados populacionais do país, com 3 milhões de pessoas vivendo em suas oito cidades-satélites sem água, moradia e condições mínimas de higiene, só ultrapassado, em número de habitantes, por São Paulo e o Rio.

Para enfrentar o desafio do desenfreado crescimento das cidades-satélites, o Governador do Distrito Federal, José Aparecido, está contando com o apoio dos que planejaram Brasília. O urbanista Lúcio Costa, o arquiteto Oscar Niemeyer e o paisagista Roberto Burle Marx colocaram-se à sua disposição, através de cartas ou em viagens constantes à Capital, como tem feito Niemeyer, com a intenção de mais uma vez trabalhar na recriação da cidade.

A idéia de Lúcio

Em duas cartas escritas a mão, numa letra miúda mas firme, Lúcio Costa, 83 anos, expôs a Aparecido o que poderá vir a ser a grande solução para o crescimento demográfico que ameaça estrangular Brasília.

— É de uma simplicidade incrível — garante José Aparecido, que leva numa pasta as cartas de Lúcio e as sugestões e esboços de Oscar, feitos num bloco de papel ofício.

A idéia de Lúcio Costa — que em 1957 venceu o concurso para o Plano Piloto de Brasília — é a utilização das áreas ociosas que contornam a cidade para a construção de prédios que abriguem desde funcionários públicos até trabalhadores humildes que hoje moram nas cidades-satélites, por ele consideradas favelas.

Assim como no Plano Piloto, essas áreas — como, por exemplo, a via de acesso a Taguatinga — teriam escolas, comércio próprio e parques de diversões, acabando com os enormes espaços vazios que os transportes coletivos atravessam sem receber passageiros. Em sua segunda carta, enviada em meados deste mês, Lúcio Costa sugeriu também que, atrás das novas construções, sejam feitas agrovilas, como estava previsto no plano inicial de Brasília.

Volta ao campo

Segundo o Governador, a Secretaria de Agricultura do Distrito Federal já constatou num levantamento que é grande o número de pessoas com vontade de voltar para o campo. Há um desajuste enorme dos que se mudaram para Brasília arrastados pelo sonho da cidade grande e hoje vivem o desespero da marginalidade.

Cálculos não oficiais apontam nada menos de 90 mil desempregados em Brasília. Tal situação deve-se à inexistência de um parque industrial capaz de absorver parte do contingente que anualmente se desloca de outros Estados — em especial do Nordeste — em busca de melhores condições de vida. Até a construção civil, que deu emprego a milhares de trabalhadores nos primeiros anos da Capital, foi aos poucos diminuindo a oferta de trabalho, porque o volume de obras, principalmente no Plano Piloto, decresceu continuamente.

A idéia das agrovilas tem a seu favor o fato de cerca de 60% das terras agriculturáveis estarem arrendadas e serem de propriedade do Governo. Os trabalhadores, nessas terras, poderiam aliar a vontade de voltar para o campo à satisfação de suas necessidades básicas de sobrevivência. Ao admitir esta hipótese, o Governador lembra porém que a falta de recursos é o maior entrave à realização dos planos. O orçamento do Distrito Federal para 86 não chega a Cr\$ 6 trilhões, mas o Ministro do Planejamento, João Sayad, já deu a entender a José Aparecido que ele deveria se sentir satisfeito, porque isso corresponde a 5% do orçamento da União.

Imaginação de Niemeyer

Os planos para o renascimento de Brasília incluem novos produtos da imaginação poética de Oscar Niemeyer, que em pequenas folhas de papel já esboçou à caneta o que considera essencial para transformar a cidade em seus aspectos paisagísticos mais importantes.

Ele propõe por exemplo que ao lado do Teatro Nacional sejam construídos o Ministério da Cultura e o Museu do Homem, este paralisado desde o Governo Médici. Perto da Catedral, que deverá sofrer modificações, a intenção é construir a Biblioteca Nacional e o Arquivo, cujos prédios esconderão a visão que hoje se tem do Banco do Brasil. Mudanças no Palácio da Alvorada, que precisa “de um belo jardim arborizado”, e no Palácio do Planalto, com a substituição do mural colocado na parede de mármore do saguão por apenas “uma frase de Tancredo Neves”, são também sugeridas pelo arquiteto.

Niemeyer voltará a Brasília em 15 de julho, mesmo dia em que José Aparecido, dois meses e cinco dias após ter assumido o Governo, receberá um documento elaborado por todos os seus secretários sobre os grandes problemas de urbanização, saneamento básico, transporte coletivo, desemprego e moradia que afetam o Distrito Federal.

A partir deste documento deverá ser traçado o primeiro programa de governo para a Capital da República, que será na verdade a retomada do plano original dos que a idealizaram.

— Precisamos retomar este plano para resolver as distorções e descaracterizações que se formaram em 21 anos de autoritarismo. Temos hoje a Brasília do Plano Piloto rodeada de anti-Brasílias que eu classifico de *baixadas fluminenses* — diz o Governador.

Realidade crua

Se as correções não forem feitas a tempo, o Plano Piloto poderá se converter no futuro numa espécie de bolha de vidro envolvida por desconcertante paisagem social e urbana. Brasília foi planejada para ter 600 mil habitantes no final deste século, em sua superfície de 5 mil 814 quilômetros quadrados, mas 1 milhão 500 mil habitantes já vivem hoje nas oito cidades-satélites que a circundam.

Apenas 25% da população vivem no Plano Piloto, tendo asseguradas as condições mínimas de saneamento básico, escolas, habitação e transporte. Os restantes 75% concentram-se nas cidades-satélites — Ceilândia, Gama, Braslândia, Guará, Núcleo Bandeirante, Planaltina, Sobradinho e Taguatinga. O déficit de moradia chega a 100 mil casas só em Ceilândia, que de todas é a mais populosa.

Na tentativa de controlar o fluxo migratório, que tende a crescer com as promessas de mudança já feitas pela Nova República, o Governo do Distrito Federal tem lançado apelos às associações de moradores e à população em geral, para que não conyidem nem mandem buscar parentes que ainda vivem em seus Estados de origem.

A base da população das cidades-satélites é constituída pelos candangos, que saíram de todas as partes do Brasil para construir Brasília. Servindo de dormitório para os moradores que se deslocam diariamente para o Plano Piloto, para trabalhar, procurar emprego ou mesmo mendigar, as cidades-satélites têm ruas esburacadas, comércio caro, cinemas em péssimas condições e, apesar de tudo isso, uma constante especulação imobiliária.

Ceilândia, além de ser a mais populosa, é também a que vive em condições mais precárias. Até o fim deste ano, terá 400 mil habitantes às voltas, entre numerosos outros problemas, com o violento índice de marginalidade e a falta de tratamento dos esgotos. A primeira dívida a ser resgatada pelo Governador José Aparecido será a duplicação da avenida principal de Ceilândia, que tem 5 quilômetros de extensão.